

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2014

AULA DE CAMPO COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Fabiana Martins Martin Zoratto¹
Professora Orientadora Karin Linete Hornes²

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de pesquisa realizada durante a realização do projeto de intervenção pedagógica do PDE - Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná, levado à prática no Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos Assis Chateaubriand - PR, no período de abril a junho de 2015. O trabalho teve como principal objetivo o incentivo da prática de campo em alguns conteúdos, tais como 'as características do campo e da cidade' e 'o retrato da desigualdade social na paisagem urbana através da segregação residencial'. A realização da atividade de campo com cada um dos referidos conteúdos foi planejada e desenvolvida em três etapas específicas e interligadas, as quais são: o pré-campo, o campo e o pós-campo. No pré-campo foram iniciadas as discussões teóricas, por meio da análise de textos, músicas e imagens. O reconhecimento do percurso foi realizado antecipadamente através do estudo de cartas topográficas, assim como a preparação de roteiro de observação e elaboração de questionário para aplicação durante a saída a campo. A intenção foi proposital com o objetivo de aguçar e provocar a curiosidade dos discentes. Os alunos também receberam orientações sobre como se vestir durante a saída a campo e o material que deveriam levar. A etapa da atividade de campo foi caracterizada pelo empirismo, onde os discentes puderam ter contato com o objeto de estudo, observando e investigando o mesmo. O pós-campo foi o momento para sistematização do conhecimento teórico e prático de forma integrada. Algumas atividades pedagógicas contribuíram na sistematização e socialização do conhecimento, as questões para debate, apresentação de foto-resposta, produção de cartazes e relatório permitiram verificar os diferentes olhares para o local. Os resultados obtidos, por meio da observação participante através da análise das aulas de campo realizadas com os alunos, permitiu verificar que a aula de campo pode contribuir no processo de ensino de forma significativa, na medida em que a sua realização seja prévia e criteriosamente preparada, garantindo o cunho pedagógico desse encaminhamento metodológico.

Palavras-chave: Campo; geografia; inteligências múltiplas; aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Refletir sobre ensino-aprendizagem nos remete a considerar que os alunos são heterogêneos em relação à forma como aprendem, de acordo com as

¹ Professora da Rede Estadual de Educação do Estado do Paraná/Assis Chateaubriand, Paraná

² Professora da Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

inteligências que desenvolveu. Gardner (1995) afirma que os indivíduos dispõem de oito inteligências, sendo elas: linguísticas, lógico-matemática, espacial, corporal-cinestésica, musical, interpessoal, intrapessoal e naturalista e que cada indivíduo tem maior habilidade para desenvolver determinada inteligência. Neste contexto, o docente deve considerar a necessidade do uso de métodos de ensino diversificados, que atendam às necessidades de cada indivíduo.

A Aula de Campo é uma ferramenta didática que contribui na superação desse desafio, pois além de aproximar a teoria da realidade, vincula a leitura e a observação, situações e ações que, associadas à problematização e à contextualização encaminhadas pelo docente, ampliam a construção do conhecimento pelo aluno. Essas possibilidades permitem ao discente experimentar e desenvolver outras inteligências que nem sempre são contempladas e incentivadas na sala de aula. Neste sentido, optou-se em incluir a atividade de campo como ferramenta didático-pedagógica no processo de ensino de Geografia com o intuito de facilitar e melhorar a aprendizagem, utilizando o incentivo de outras inteligências. Nessa perspectiva, foi elaborado um planejamento criterioso das atividades a fim de aproveitar ao máximo as diversas possibilidades que o campo pode trazer.

Para realização da intervenção pedagógica houve a elaboração de um projeto, o qual foi concebido e realizado no Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos Assis Chateaubriand, no período de abril a junho do ano de 2015, com uma turma do ensino fundamental. Inicialmente, ocorreu a construção de um embasamento teórico para compreensão das várias propostas de prática de campo e de seus benefícios. Entre as leituras que possibilitaram maior entendimento sobre a Aula de Campo estão as produções de Falcão e Pereira (2009), Garutti (2012), Viveiro e Diniz (2009).

Na seqüência, foram selecionados dois conteúdos geográficos do Plano de Trabalho Docente que seriam estudados através do instrumento didático-pedagógico Aula de Campo, durante as 32 horas de implementação do projeto. Priorizou-se temas que apresentassem possibilidades de atividade de campo nas proximidades da escola e da cidade, favorecendo o deslocamento dos discentes e proporcionando aos mesmos um maior conhecimento a respeito do lugar e da paisagem onde convivem. Assim optou-se por trabalhar os conteúdos: 'as características do campo e da cidade' e 'o retrato da desigualdade social na paisagem urbana através da

segregação residencial' Estes conteúdos permitiram trabalhar alguns eixos (lugar, paisagem) pelos quais a Geografia é responsável (PARANÁ, 2008).

Logo após realizada a escolha dos conteúdos, partiu-se para revisão bibliográfica, buscando autores que dialogassem no intuito de relacioná-los ao local de vivência dos discentes. Na seqüência, o estudo de cada um dos referidos conteúdos foi planejado para ser realizado em três etapas específicas e interligadas: o pré-campo, o campo e o pós-campo. Ao findar a implementação do projeto, foi elaborada uma avaliação para verificar o avanço do discente em relação ao conhecimento e sua disposição em relação à metodologia de aula proposta.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para apresentar a aplicabilidade do instrumento didático-pedagógico Aula de campo houve a necessidade de pesquisas que demonstrassem a possibilidade de utilização do mesmo e suas potencialidades. Assim utilizou-se de vários autores, entre eles Gardner (1995, p. 21), o qual afirma que “[...] uma inteligência implica a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural”. Ele também considera que o ser humano possui oito tipos de inteligência, mas que a maioria dos indivíduos possui uma ou duas inteligências desenvolvidas. Essa teoria provoca um repensar no ato de ensinar, pois, de acordo com a inteligência desenvolvida pelo aluno, determinado método pode favorecer o seu aprendizado ou não. Isso vale dizer que um determinado método pode favorecer o aprendizado para alguns, mas pouco contribuir para o aprendizado de outro.

Dessa forma, em turmas heterogêneas, o professor tem o desafio de realizar a transposição didática, dos conhecimentos científicos, de forma significativa para todos os alunos. Para tal realização, deve o professor considerar a necessidade do uso de encaminhamentos metodológicos diversificados, que atendam às necessidades de cada indivíduo.

A Aula de Campo é uma prática que vai ao encontro dessa necessidade, pois agrega teoria e prática, leitura e observação, situações e ações que, associadas à problematização e à contextualização encaminhadas pelo docente, ampliam a construção do conhecimento pelo aluno. Percebe-se que essa prática estimula o desenvolvimento de várias inteligências, mas, em especial, a inteligência espacial, a

qual se refere à “[...] capacidade de perceber com precisão o mundo vísuo-espacial e de realizar transformações sobre essas percepções” (GARUTTI, 2012, p. 7). Segundo Antunes (2001, p. 114). “[...] todo professor de geografia e de história, ainda que não saiba, é sempre um extraordinário *personal training* dessa inteligência”.

Apesar de ser um encaminhamento metodológico que contribui no processo de ensino-aprendizagem e que já é difundido há algum tempo, inclusive contemplado pelas Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Geografia, observa-se que a Aula de Campo ainda é pouco utilizada. Essa situação instiga duas reflexões: uma é considerar que existem fatores dificultadores à realização dessa prática, como deslocamento, riscos à segurança, custo financeiro, indisciplina, entre outros. Diante desses fatores dificultadores, cabe ao professor a responsabilidade de avaliar a viabilidade para a realização de uma Aula de Campo. Então, em algumas situações ele pode decidir que não é uma prática adequada para o perfil, a faixa etária de uma determinada turma. Mas em algumas realidades, diferentemente, pode considerar esse encaminhamento possível. E aqui entra a segunda reflexão: – A maioria dos professores conhece as contribuições pedagógicas de uma Aula de Campo?

Mesmo que as contribuições sejam conhecidas, também é perceptível a necessidade de se diferenciar uma atividade de passeio de uma Aula de Campo. O gérmen dessa diferenciação está no planejamento. O passeio não prescinde de planejamento pedagógico, não tem compromisso com ensino e, muito menos, com aprendizagem. Já a Aula de Campo, planejada nas etapas de pré-campo, campo e pós-campo, está orientada por objetivos pedagógicos e conteúdos curriculares predefinidos. Essa prática está diretamente associada à compreensão de conhecimentos científicos.

Dentro desse contexto, com o propósito de verificar as potencialidades desse encaminhamento metodológico no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos geográficos e as etapas relevantes a serem executadas num adequado planejamento dessa atividade, realizou-se uma investigação sobre as contribuições da Aula de Campo no processo educativo, bem como a elaboração de um roteiro para o planejamento de uma Aula de Campo.

Em relação às contribuições da Aula de Campo no ensino-aprendizagem dos conteúdos geográficos, as pesquisas realizadas apontaram que:

a) Instiga os alunos à observação e à comparação

Entre os princípios do estudo geográfico estão a observação e a comparação/analogia dos elementos que compõem o objeto de estudo. A Aula de Campo, se bem planejada e orientada, tem, dentre as suas características, uma que consiste em instigar o aluno à observação e à comparação, associando as análises à sua realidade, pois:

Parte-se de uma realidade local bem delimitada para investigar a sua constituição histórica e realizar comparações com os outros lugares, próximos ou distantes. Assim, a aula de campo jamais será apenas um passeio, porque terá importante papel pedagógico no ensino de Geografia. (PARANÁ, 2008, p. 80-81).

Percebe-se que a atividade de campo é composta pela observação e pela comparação, mas não para aí, visto que as análises instigadas pelo professor devem apresentar a realidade como dinâmica, sujeita a interesses, mas passível de transformação. De acordo com Suertegaray (2002, p. 3), “[...] vemos o campo pelo olhar do método. O método escolhido é a expressão de nossa concepção do mundo”. Ele está relacionado ao que queremos pesquisar, por que queremos pesquisar e como interpretamos o que pesquisamos. A pesquisadora analisa como o campo é considerado nas diferentes correntes metodológicas. Neste trabalho opta-se pelo método dialético. De acordo com Suertegaray (2002, p. 2), “[...] no método dialético, o campo como realidade não é externo ao sujeito, o campo é uma extensão do sujeito [...] ou seja, a pesquisa é fruto da interação dialética entre sujeito e objeto. [...] Pesquisar pressupõe reconhecer para intervir.”

b) Associa teoria e prática

A Aula de Campo consiste numa prática extremamente relevante para a leitura e a compreensão do espaço geográfico, principalmente por integrar teoria e prática.

O ensino não deve separar esses dois elementos, pelo contrário, deve vinculá-los continuamente, pois essa é condição essencial para o aprendizado.

O importante é ir teorizando até onde o grupo pode digerir. E pode digerir até onde chegou com sua prática. Não adianta ir construindo todo um andaime teórico para depois colocar-lhe a prática, mas sim ir construindo a teoria junto com a prática. Talvez seja esse o caminho que o educador deve percorrer com seu grupo de educandos. (FREIRE, 1991, p. 63).

A teoria está presente nas aulas que antecedem a Aula de Campo e no retorno para a sala de aula, como também pode estar entrelaçada com as observações, comparações e análises durante a Aula de Campo, pois, quanto mais teoria e prática se aproximarem, mais consistente será o aprendizado.

c) Favorece a contextualização dos conteúdos

A contextualização dos conteúdos em sala de aula é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, inclusive é procedimento defendido nas Diretrizes Curriculares da disciplina de Geografia quando afirma que

Outro pressuposto metodológico para a construção do conhecimento em sala de aula é a contextualização do conteúdo. Na perspectiva teórica destas Diretrizes, contextualizar o conteúdo é mais do que relacioná-lo à realidade vivida do aluno, é, principalmente, situá-lo historicamente e nas relações políticas, sociais, econômicas, culturais, em manifestações espaciais concretas, nas diversas escalas geográficas. (PARANÁ, 2008, p. 75-76).

Durante a Aula de Campo, o aluno está em contato direto com o seu objeto de estudo, que então se torna mais significativo. Diante disso, as possibilidades de contextualização ficam ampliadas e facilitadas.

Oliveira e Assis (2009, p. 199) observam que “[...] a escola e as formas pedagógicas de trabalharmos com os alunos a partir dos livros didáticos nem sempre contemplam o que iremos ver no campo. Eis a necessidade do trabalho de campo para preencher essa possível lacuna”.

Por acaso o leitor já passou pela experiência de passar férias no litoral sem ter dias ensolarados? É possível se divertir, mas não tem o mesmo sabor.

Assim são as aulas de Geografia sem saídas a campo. A aprendizagem ocorre mesmo com outros recursos, entretanto nada se compara ao aprendizado *in loco*... O aluno expande sua capacidade de construção do conhecimento, uma vez que percebe o espaço geográfico, vivenciando-o. Além disso, o aluno sai de sua rotina de estudos, o que estimula a criatividade e o raciocínio. (STEFANELLO, 2009, p. 119).

d) Estimula os alunos à análise interdisciplinar

A organização curricular por disciplinas gera o desafio de romper com uma percepção fragmentada do meio. Principalmente no Ensino Fundamental, a maioria dos alunos apresenta dificuldade para relacionar conhecimentos de História, de Ciências e de Geografia sobre um determinado local:

Uma forma de fugir dessa desintegração é através das práticas de campo onde o discente poderá lançar outros olhares a respeito da prática de ensino, buscando o desenvolvimento das inteligências múltiplas através de uma interdisciplinaridade. A possibilidade de trabalho em conjunto pode ocorrer com a presença de vários professores em campo ou também com a contribuição destes em sala acerca do assunto. (HORNES, 2002, p. 2).

O estudo do meio é um método ativo e interativo, pois o espaço não é fragmentado. Ele abre possibilidades para projetos interdisciplinares nos quais professores de diferentes disciplinas participam do plano de elaboração fazendo-se a pergunta: como minha disciplina pode auxiliar o aluno a entender melhor o fenômeno? (PASSINI, 2007, p. 176).

E, de acordo com essa perspectiva, Falcão e Pereira (2009, p. 8) destacam que:

[...] é de primordial relevância o papel da geografia no contexto interdisciplinar, pois ela definirá o espaço geográfico para que outras disciplinas possam integrá-la para a construção do trabalho de campo de maneira a preservar suas especificidades.

e) Contribui na qualidade do vínculo entre professor e alunos

É perceptível que a Aula de Campo favorece maior proximidade entre alunos e educador, isso se viabilizando através de conversas durante a caminhada, relatos sobre observações, curiosidades por parte dos alunos, intervenções realizadas pelo docente. O ambiente distinto da sala de aula também contribui para a superação de estereótipos entre os envolvidos, pois é possível que os alunos consigam perceber um professor mais acessível, humano, assim como alunos melhor se revelarem ao grupo; por vezes alunos introvertidos ou mais resistentes a participar da aula se apresentam mais leves, abertos ao diálogo, e o professor encontra aí uma oportunidade de se aproximar, criar algum vínculo, uma via de comunicação embasada no respeito e na confiança, via que poderá depois se fortalecer em sala de aula.

Mesmo, porém, com todas essas possibilidades pedagógicas positivas, sobre a Aula de Campo Freire (1996, p. 161) sabiamente nos alerta:

[...] não se pense que a prática educativa, vivida com afetividade e alegria, prescindia da formação científica séria, da clareza política dos educadores e das educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança.

Assim, percebe-se que um educador comprometido com a qualidade do processo ensino-aprendizagem, necessita ampliar e/ou fortalecer seu leque de possibilidades metodológicas, assim como sua capacidade de relacionamento intrapessoal, mas sem deixar de embasar esse desenvolvimento num conhecimento teórico consistente do seu objeto de estudo.

Durante a implementação do projeto na escola, foram estudados dois conteúdos geográficos com a utilização das Aulas de Campo: 'as características do campo e da cidade' e 'o retrato da desigualdade social na paisagem urbana através da segregação residencial'.

O estudo das características do campo e da cidade teve como embasamento teórico os textos de José Eli Veiga (2001, 2003), de Cunha e Barreto (2010) e de Camarano e Abramovay (1998). Essas produções contribuíram no entendimento do aluno sobre como se caracteriza o campo e a cidade na atualidade, quais atividades são desenvolvidas nesses espaços e qual a dinâmica social e econômica que apresentam.

Já o livro 'O Espaço urbano' de Roberto Lobato Corrêa (2002) fundamentou as discussões e análises a respeito do retrato da desigualdade social na paisagem urbana através da segregação residencial, instigando o aluno a identificar e compreender esse fenômeno na cidade em que vive.

3 METODOLOGIA

A implementação do projeto aconteceu no Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos Assis Chateaubriand, do município de Assis Chateaubriand – PR. Foi colocado em prática no primeiro semestre de 2015, quando houve a proposta de sensibilização da comunidade escolar com apresentação do projeto para professores, funcionários e direção do estabelecimento de ensino. O momento de exposição do projeto ocorreu durante a Semana Pedagógica realizada no início do ano letivo. Em abril foi apresentado para a turma de alunos de geografia do ensino fundamental do período matutino, que compõe um público heterogêneo quanto à idade – alunos de 15 à 65 anos -, ao local de vivência – urbano ou rural – e quanto às dificuldades de aprendizagem – escrita, leitura e compreensão.

Após a realização das atividades direcionadas aos estudantes ocorreram ações em ambiente virtual colaborativo, no qual professores da disciplina de

Geografia de diferentes regiões do Estado do Paraná também apresentaram contribuições sobre a temática do projeto de implementação.

O projeto de implementação desenvolveu-se em 2014 após a construção de material didático dedicado ao tema aula de campo como instrumento didático-pedagógico para o ensino de Geografia. O material dividido em dois módulos apresentou um roteiro de estudo para dois conteúdos geográficos através da metodologia Aula de Campo. Cada roteiro foi organizado em três etapas: o pré-campo, o campo e o pós-campo.

O pré-campo é fundamental para que o aluno acompanhe a trajetória a ser estudada e questione com curiosidade, sem repetir simplesmente aquela famosa frase que costuma ressaltar a cada parada: “O que é que eu estou fazendo aqui?”. O pré-campo vai nortear o aluno como uma representação da realidade. Quando estiver na aula de campo a sua mente já estará aberta às reflexões teórico-práticas que fundamentarão a pesquisa (SILVA, SILVA e VAREJÃO, 2010, p.191).

Para isso o pré-campo foi realizado em cinco fases, buscando proporcionar ao aluno:

- a) Construção da base teórica;
- b) Identificação do roteiro de campo e as características do percurso;
- c) Conhecimento prévio do local que será visitado;
- d) Definição do que será observado/investigado;
- e) Instruções práticas sobre a saída a campo.

As discussões teóricas foram iniciadas por meio da análise de textos, músicas e imagens. O reconhecimento do percurso se efetivou através do estudo de cartas topográficas e de fotos dos locais de estudo, a definição do que seria observado/investigado se concretizou com a preparação de roteiro de observação e elaboração de questionário para aplicação durante a saída a campo.

Ainda no pré-campo, os alunos receberam instruções sobre a forma mais adequada para se vestir, se proteger durante a saída a campo, como registrar as informações e a necessidade de adotar uma postura investigativa durante esta etapa. A professora providenciou junto aos discentes as autorizações por escrito dos responsáveis legais para afastar os alunos menores de 18 anos do espaço escolar e para divulgação de imagem com finalidade pedagógica.

Essas instruções foram repassadas antes de todas as saídas a campo, assim como a obtenção das autorizações.

O estudo de campo concentra-se na observação, no registro e na coleta de informações (VENTURI, 2009, p.110). Nesta etapa os alunos aplicaram o questionário previamente preparado, com o propósito de obter informações que contribuíssem no estudo em questão. Os estudantes foram orientados a utilização do roteiro de observações, as quais foram registradas por escrito e por fotografia, segundo Venturi (2009, p.112)

A diferença essencial entre um observador engajado e um observador amador é que o primeiro carrega consigo um caderno de notas e o utiliza. [...] Aquele que tenta reter apenas na memória suas observações traz poucas contribuições para uma pesquisa. A memória é sempre seletiva, e há uma tendência de esquecermos o comum e lembrarmos o raro.

A professora realizou intervenções buscando aprofundar as observações e relacionar a teoria discutida em sala com o que estavam analisando in loco.

O pós-campo foi o momento para sistematização do conhecimento teórico e prático de forma atrelada. Na aula seguinte à saída a campo, as observações, anotações, percepções obtidas em campo foram discutidas, amarradas com as informações do pré-campo de forma a ampliar a construção do conhecimento. Os discentes também realizaram atividades pedagógicas que contribuíram nessa sistematização, como: questões para debate, análise de foto-resposta, produção de cartazes, relatório e entrega de abaixo-assinado para um vereador representante.

3.1 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1.1 Roteiro de estudo das características do campo e da cidade através do instrumento didático-pedagógico Aula de Campo:

Pré-campo:

a) Construção da base teórica:

Para iniciar a professora apresentou imagens do campo e da cidade e instigou os alunos a apresentarem as características e a dinâmica de cada um desses espaços. Esse momento, além de possibilitar a socialização das informações, permite ao professor avaliar o conhecimento prévio dos alunos sobre o que será estudado e incentivá-los ao interesse pelo conteúdo.

As discussões sobre o conteúdo, foram embasadas no texto 'O campo e suas Atividades econômicas'. Esse texto foi produzido pela docente a partir das publicações Geografia Agrária 2 de Cunha e Barreto (2010), Êxodo Rural,

envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos, de Camarano e Abramovay (1998) e principalmente, embasado nas discussões de José Eli Veiga expressas nas produções: O Brasil rural ainda não encontrou o seu eixo de desenvolvimento (2001) e Cidades Imaginárias – o Brasil é menos urbano do que se calcula (2003). Essa leitura instigou os alunos a refletirem que as atividades econômicas desenvolvidas no espaço rural, na atualidade, não se restringem apenas às atividades do setor primário da economia.

Na seqüência foi lido o texto 'Cidade', também embasado nos estudos de José Eli Veiga (2003). Para complementar a construção teórica foi analisado um trecho da música A Cidade de autoria de Chico Science, a qual aponta algumas características e problemas que uma cidade pode apresentar. Essas atividades, permeadas por indagações, contribuições dos discentes e por explicações da professora, possibilitou ao aluno condições de analisar os diferentes critérios existentes para determinar se um aglomerado populacional pode ser classificado como cidade ou não, assim como os elementos característicos presentes num espaço urbano, área comercial, a sede dos três poderes constituintes, os serviços públicos, etc.

Essas discussões são fundamentais antes da saída a campo, constituem uma base teórica que irá subsidiar as observações e favorecer as correlações entre teoria e a prática vista em campo.

b) Identificação do roteiro de campo e características do percurso:

Em relação ao roteiro da saída a campo os alunos foram informados que ele seria composto de 4 etapas, as quais foram realizadas em duas manhãs.

1ª etapa: deslocamento da escola pela avenida principal e algumas ruas estrategicamente definidas.

2ª etapa: visita a uma propriedade rural do município que desenvolve monocultura mecanizada e avicultura.

3ª etapa: estudo em uma propriedade rural que pratica a hortifruticultura orgânica.

4ª etapa: reconhecimento de uma propriedade rural que tem o ecoturismo como a sua principal atividade econômica.

Com o propósito de identificar o percurso que seria realizado, os alunos, organizados em trios, com orientação da professora traçaram o percurso das 4

etapas em mapas do município. Durante a realização dessa atividade, a docente instigou os alunos a utilizarem os pontos de orientação (cardeais e colaterias).

c) Conhecimento prévio do local que será visitado:

Para reconhecimento prévio dos locais em que aconteceriam as visitas, a professora exibiu algumas imagens referentes a eles. Essa ação além de instigar a curiosidade do aluno também lhe possibilita realizar as próximas atividades de forma contextualizada.

d) Definição do que será observado e/ou investigado:

Com a definição do percurso e o reconhecimento prévio dos locais que seriam visitados, a docente incitou os alunos a refletirem sobre o que é preciso observar, investigar, com mais atenção, em cada uma das etapas, lembrando que o conteúdo em estudo são as características do campo e da cidade. A professora anotou no quadro a contribuição de cada estudante, as mesmas foram analisadas pelo grupo de alunos com o propósito de criar coletivamente um roteiro de observação e um questionário. Essas produções foram digitadas e cada aluno recebeu uma cópia para utilizar durante a aula de campo.

Aula de Campo na cidade e em três propriedades rurais do município de Assis Chateaubriand:

Após a observação dos espaços e acesso às informações transmitidas pelos proprietários rurais, os alunos aplicaram o questionário previamente preparado. As respostas foram registradas de forma escrita ou gravada. Cabe salientar que durante toda a visita os discentes tiveram liberdade para realizar questionamentos além dos anteriormente elaborados.

Pós-campo:

No início deste pós-campo, a professora abriu um momento para os alunos exporem os aspectos que avaliaram como mais interessantes durante o estudo de campo e as possíveis dúvidas em relação ao conteúdo. Na seqüência algumas questões foram apresentadas para debate.

Por último os alunos foram organizados em trios e cada grupo sistematizou as informações através da confecção de um cartaz ilustrado. Os grupos socializaram as produções para a turma.

3.1.2 Roteiro de estudo do retrato da desigualdade social na paisagem urbana através da segregação residencial através do instrumento didático-pedagógico Aula de Campo:

Pré-campo

a) Construção da base teórica:

Para iniciar as discussões teóricas a respeito do conteúdo, foi lido o texto *Desigualdade Social e Segregação Residencial*, produzido pela professora-PDE tomando por base a obra *Espaço Urbano* de Roberto Lobato Corrêa (2002) e o texto *Características de Assis Chateaubriand*, o qual expõe informações relevantes sobre o quadro socioeconômico do município e é fruto de investigação da professora – PDE em produções oficiais da Prefeitura e em dados do IBGE.

Na seqüência, os alunos tiveram a oportunidade de receber em sala de aula um corretor de imóveis, o qual trouxe informações sobre o valor dos terrenos urbanos de Assis Chateaubriand por bairro, as amenidades locais que influenciam no preço dos terrenos, as características dos novos loteamentos, as intervenções do Estado em relação à moradia e a tendência de auto-segregação. Os alunos interagiram com o corretor no intuito de obter mais informações relacionadas ao tema de estudo.

b) Identificação do roteiro de campo e as características do percurso:

Para essa etapa a professora disponibilizou para cada dupla um mapa urbano de Assis Chateaubriand. As duplas, orientadas pela professora, delimitaram e coloriram cada bairro com uma cor. Na seqüência a professora indicou quais bairros seriam estudados e o percurso a ser realizado. A docente informou que o estudo seria complementado com observações no cemitério municipal.

c) Definição do que será observado/investigado:

A professora, com a contribuição dos alunos produziu um roteiro de observações a ser preenchido em cada um dos bairros visitados. O roteiro foi digitado pela professora e cada aluno recebeu uma cópia para utilizar durante a aula de campo.

Em relação ao estudo no cemitério, os alunos foram orientados a observar se este espaço retrata algum nível de desigualdade socioeconômica através das características e distribuição espacial das sepulturas, relacionando a mesma com a ideia de segregação residencial apontada por Corrêa (2002).

Aula de Campo nos bairros América, Europa, Bela Vista e Araçá:

Na saída a campo os alunos foram orientados a acompanhar no mapa o deslocamento do ônibus e, lembrados de observar e registrar as informações correlatas ao tema de estudo. O deslocamento pelos bairros foi realizado de forma

lenta, ocorreram duas paradas em cada bairro para que os alunos pudessem descer e ter um contato mais próximo com o objeto de estudo. Na visita ao cemitério, o grupo caminhou por este espaço realizando as observações definidas no pré-campo.

Neste estudo de campo foi utilizada a estratégia Foto-resposta, assim, a professora disponibilizou uma câmera fotográfica para que cada aluno produzisse uma fotografia sobre o que, segundo ele, retratasse a desigualdade social e/ou a segregação residencial. As discussões sobre as fotos aconteceram no pós-campo.

Pós-campo:

Para este pós-campo foram utilizadas três estratégias para a ampliação e sistematização do conhecimento:

1) Primeiramente, foram projetadas as fotos produzidas pelos alunos durante a aula de campo e o autor fez a relação da imagem com o conteúdo em estudo, os demais alunos deram a sua opinião.

2) Na seqüência a professora apresentou algumas questões para análise e discussão.

3) Com base nos registros das observações em campo e nas discussões durante o pós-campo, os alunos produziram um relatório sobre a infra-estrutura básica dos bairros visitados (asfalto, iluminação pública, calçamento), apontando qual desses bairros consideraram prioritário para receber investimentos em infra-estrutura e melhoria ou implantação de algum serviço público. Os discentes foram orientados a apontar um possível encaminhamento para cada deficiência que relataram. Esse relatório, acompanhado de um abaixo-assinado organizado pelos alunos, solicitando ações de contribuam para a completa pavimentação asfáltica do bairro Araçá, foi entregue ao Sr. Vereador de Assis Chateaubriand Aguinaldo Romanini, quando o mesmo, atendendo convite da professora veio conversar com os alunos envolvidos neste estudo de campo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além de refletir sobre algumas contribuições da Aula de campo no processo ensino-aprendizagem dos conteúdos geográficos, esta pesquisa possibilitou verificar que o planejamento de uma Aula de Campo é longo e detalhado. Para se obter o nível esperado de aproveitamento de tal atividade é necessário discutir o conteúdo antes e após a saída à campo, ou seja, é necessário planejamento, que no presente caso foi concebido nas seguintes etapas: pré-campo, campo e pós-campo.

A mesma atividade envolveu diversas inteligências, como as citadas por Gardner (1995). A possibilidade de entrar em contato com a paisagem, sentindo o seu cheiro, verificando seus movimentos, suas cores, suas diferenças, proporcionou aos discentes a utilização de outras inteligências para a compreensão de sua dinâmica. E assim, o conteúdo passou a ser prático, não somente teórico, falar das desigualdades em sala é algo distante, mas verificá-las em loco permite uma relação do sujeito com o objeto de forma diferenciada. Desta forma, a aprendizagem se torna inesquecível, pois o discente interagiu com o “conteúdo”. Além disso, conhecer o local e refletir a respeito de como as coisas estão dispostas, dá a possibilidade do desenvolvimento de uma sensibilização crítica da realidade. O aluno verifica quais são os problemas de um determinado local e aponta uma possível solução, então a sua consciência cidadã começa a ser construída, pois ele reflete a respeito do seu local, avalia e exige a atuação do Estado de forma coerente.

A Aula de Campo auxiliou na construção do vínculo do professor com os alunos e entre eles próprios. Além das paredes da sala de aula, a maior parte dos educandos demonstrou mais disposição e segurança para questionar e expressar observações. Ao questionar os alunos sobre essa contribuição, 100% deles concordaram. Nas discussões do Grupo de Trabalho em Rede – GTR sobre este projeto de implementação, a docente 1 citou um apontamento de Tomita (1999, p.14) que corrobora com essa percepção, ao indicar que a Aula de campo

É uma atividade que contribui para estreitar a relação dos alunos entre si e com os professores, conduzindo-os a praticar atitudes necessárias que, além de assimilar e compreender melhor os conteúdos específicos, podem influir na modificação de atitude e formação da personalidade que mais tarde poderá servir para a vida social e profissional.

Outro fator a ser destacado é que 100% dos alunos envolvidos no estudo de campo avaliaram que esse encaminhamento metodológico ajudou a associar a teoria com a prática. O aluno 1 disse: ‘A gente vai e vê de perto e depois volta e conversa sobre o assunto e clareia a mente com uma nova realidade’. Os alunos 2, 3 e 4 afirmaram que ‘a gente conseguiu juntar a teoria estudada na sala com o que vimos nas visitas’.

Durante a implementação também evidenciou-se que através da Aula de campo o docente pode instigar o estudante ao exercício da observação, ao desenvolvimento de uma postura investigativa, prática essencial para a

compreensão do espaço em que vive e das relações humanas nele presentes. Indo de encontro a esta análise, o docente 2 do GTR destacou que

[...] os campos mais significativos para os alunos são aqueles em que eles contribuem de forma efetiva desde o planejamento, porque quando saímos da sala de aula e vamos a campo e fazemos lá exatamente o que faríamos em sala, o que muda não é a prática ou metodologia, é apenas o espaço (local). Assim é necessário que se mude toda a prática, o campo não deve ser espaço para aulas expositivas, mas, especialmente investigativas.

Tornou-se perceptível nas etapas de campo e pós-campo que muitos alunos realizaram observações além das previstas no pré-campo. A valorização desse comportamento contribuiu para que mais alunos adotassem essa postura investigativa nos próximos estudos de campo.

Dado ao dinamismo e interdependência dos conteúdos geográficos, observações feitas no estudo de campo de um dado conteúdo podem enriquecer o estudo de outros conteúdos em sala. Ao realizar o estudo de campo das características do campo e da cidade, um aluno se deteve a observar os morros de uma propriedade, mas, não expressou essas observações no pós-campo. Após algumas semanas quando a turma analisava imagens das formas de relevo, o referido aluno contribuiu dizendo: 'Professora, lembra quando visitamos a propriedade do sr. Francisco? Lá tinha um morro como esse!' Outros estudantes recordaram e a professora articulou as informações teóricas com as percepções em campo. A partir da recordação das observações em campo, o conteúdo tornou-se mais significativo para os discentes, os quais demonstraram maior interesse nas discussões.

Os conteúdos selecionados para estudo através da Aula de Campo possibilitaram uma análise do lugar de vivência dos alunos. De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (PARANÁ, 2008) lugar é o espaço onde o particular, o histórico, o cultural e a identidade permanecem presentes, mas é também o espaço local que as empresas negociam seus interesses, o que afeta a sua organização socioespacial.

Entrar em contato direto com o objeto de estudo instiga no aluno um olhar crítico sobre o mesmo, muitos estudantes questionam a necessidade/possibilidade de realizar mudanças num determinado espaço/situação após um estudo de campo.

Assim, a Aula de campo também favorece o desenvolvimento de uma postura crítica e transformadora, contribuindo para a formação cidadã.

A realização do estudo de campo em três etapas contribui de forma significativa na construção do conhecimento. Os alunos percebem que a saída a campo faz parte de um estudo já iniciado em sala e que deverá oferecer novas informações para posterior discussão no retorno para a escola, articulando a teoria com as observações in loco. Neste contexto, essa organização favorece o desenvolvimento de uma postura investigativa por parte dos alunos. Esse formato além de favorecer a aprendizagem, também diferencia a aula de campo de um mero passeio, evidencia que há um objetivo pedagógico relacionado ao estudo de um determinado conteúdo.

Assim, é possível afirmar que a implementação desse projeto de intervenção pedagógica na escola demonstrou que o instrumento didático- pedagógico Aula de Campo, se bem planejado, pode contribuir no processo ensino-aprendizagem dos conteúdos geográficos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **A sala de aula de geografia e história: inteligências múltiplas, aprendizagem significativa e competências no dia-a-dia**. Campinas, SP: Papirus, 2001. 192 p.
- CAMARANO, Ana A. ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos**. Rev. Bras. Estudos Pop., Brasília, 15, 1998. Disponível em: <<file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/404-1178-1-PB.pdf>>. Acesso em 20 out. 2014, 16:52.
- CORRÊA, Roberto L. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2002. 94 p.
- CUNHA, L.A.G.; BARRETO, M. **Geografia Agrária 2**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2010. 61 p.
- FALCÃO, Wagner S.; PEREIRA, Thiago B. **A aula de campo na formação crítico/cidadã do aluno: uma alternativa para o ensino de Geografia**. 10º ENPEG, Porto Alegre: 2009. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20\(2\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20(2).pdf)>. Acesso em 23 maio 2014, 9:41.
- FREIRE, Paulo et al. **O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Riviére**. Tradução de Lúcia Mathilde E. Orth. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991, 80 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1995. 257 p.

- GARUTTI, Selson. **A teoria das inteligências múltiplas como conceito de educação ambiental**. Revista Intersaberes, v. 7, nº 14, p. 291-308. ago./dez. 2012. ISSN 1809-7286. Disponível em: <<http://www.grupouninter.com.br/intersaberes/index.php/revista/article/view/325>> . Acesso em: 23 maio 2014, 11:33.
- HORNES, Karin L. **Prática de campo: disciplinas articuladoras do curso de licenciatura em Geografia**. Ponta Grossa, PR:UEPG, 2002.
- OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. **Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula**. Educ. Pesqui. [on-line], v.35, nº1, p. 195-209, 2009. ISSN 1517-9702. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v35n1/a13v35n1>> . Acesso em: 30 abr. 2014, 10:43.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares de Geografia para a Educação Básica**, 2008.
- PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007. 224p.
- SCIENCE, Chico. A Cidade. Intérprete: Gabriel O Pensador. In: **MTV Apresenta: 5 anos de Chaos**. Sony, p1998. Faixa 8.
- SILVA, Juliana S.R. SILVA, Mirian B. VAREJÃO, José L. **Os (des) caminhos da educação: a importância do trabalho de campo na Geografia**. Vértices, Campos dos Goytacazes/RJ, v.12, n.3, p.187-197, set./dez. 2010. Disponível em:<<file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/783-2532-2-PB.pdf>>. Acesso em 21 out. 2014, 10:07.
- STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de geografia**. São Paulo: Saraiva, 2009. 159 p.
- SUERTEGARAY, Dirce M. A. Pesquisa de campo em geografia. UFRS, 2002. Disponível em: <<file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/78-305-1-PB.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2014, 8:27.
- TOMITA, Luzia M.S. **Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia**. Geografia Londrina, v.8, n.1, p. 13-15 jan./jun. 1999. Disponível em <file:///C:/Users/USUARIO/Downloads/10199-38398-1-PB.pdf> . Acesso em 18 set.2015, 9:04.
- VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias: O Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2003. 304 p.
- _____. **O Brasil rural ainda não encontrou o seu eixo de desenvolvimento**. Estudos Avançados, 2001. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a10.pdf>> . Acesso em 06 out. 2014, 12:39.
- VENTURI, Luis A. B. **Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental**. Org. Luis Antonio Bittar Venturi. São Paulo: Oficina de textos, 2009. 240 p.
- VIVEIRO, Alessandra A. DINIZ, Renato E. da S. **Atividades de campo no ensino das ciências e na educação ambiental: refletindo sobre as potencialidades desta estratégia na prática escolar**. Ciência em tela, vol.2 nº1, 2009. Disponível em: <<http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0109viveiro.pdf>> . Acesso em 02 out. 2014, 11:16.